

O Teatro por detrás da cortina

Há toda uma dinâmica nos bastidores do Teatro Baltazar Dias que o público desconhece. Cerca de 30 funcionários têm estado nas limpezas e manutenção do espaço centenário. O JM esteve nos "bastidores" a acompanhar o trabalho feito antes que suba o pano e comece o espetáculo.

CULTURA
Paula Abreu
paulabreu@jm-madeira.pt

Poucos mas bons, como se costuma dizer de equipas pequenas que trabalham bem. E polivalentes. Os cerca de 30 funcionários do Teatro Municipal Baltazar Dias têm estado, desde agosto, a fazer limpezas profundas no edifício e a proceder a trabalhos de manutenção. Desde a tela, escondida no topo do edifício e disfarçada com uma pintura no teto da sala de espetáculos, ao sub-palco, passando por obras nos camarins, a equipa liderada por Sandra Assunção, chefe de divisão de Turismo e Cultura do departamento de Economia e Cultura da Câmara Municipal do Funchal, não tem tido mãos a medir. José Manuel Rodrigues e Ricardo Martins são os responsáveis pela manutenção e pela equipa de palco, respetivamente.

Numa visita guiada ao JM, a equipa levou-nos a conhecer a dinâmica do Teatro por detrás da cortina. «Não temos muitos recursos humanos e, por isso, aproveitamos o facto do teatro estar fechado em agosto e de ter havido uma deslocação de agenda para este mês de setembro, para fazermos a manutenção do edifício, dos bastidores, as limpezas gerais. Estamos a limpar desde a tela até ao sub-palco, a renovar camarins...», para além de alguns melhoramentos na sala, como a numeração das cadeiras, resume Sandra Assunção, antes de nos mostrar os trabalhos em causa.



Em agosto e neste mês, o Teatro foi alvo de uma manutenção e limpezas profundas.

No palco, a equipa de luminotécnicos desmontava todo o equipamento de luz para a respetiva manutenção anual, que passa por «olear os mecanismos, mudar lâmpadas se for necessário e limpar todo o equipamento». Como nos explicou Ricardo Martins, o objetivo é preparar tudo para a nova época do teatro, que se inicia em meados de setembro.

«Temos de fazer isto quando

“

Os poucos recursos humanos do teatro fazem um pouco de tudo.

o teatro está fechado, porque demora tempo, que depois não teríamos, porque a agenda está cheia». Mas, esclarece que, ao longo da temporada, havendo necessidade de manutenção, a equipa resolve os problemas que surgirem. Na lista de tarefas a fazer, nesta limpeza anual, é baixar o lustre do centro da plateia. «São 128 lâmpadas que compõem o lustre e que temos de repor com novas. As antigas

transitam para as zonas mais acessíveis», explica Ricardo Martins, que já trabalha no Teatro há 18 anos.

O técnico responsável salienta ainda que em dias de espetáculo, «há muito trabalho. Temos de ter uma preparação prévia. Mas acabamos por trabalhar muito ao dia, montamos o espetáculo de manhã, ensaiamos à tarde, fazemos o espetáculo à noite, e no outro dia de manhã volta»

mos a desmontar tudo». Requer, sublinhou, «muita técnica. Como somos poucos, não podemos fazer porturnos e temos de fazer tudo em conjunto. Por exemplo, para afinar a luz, somos precisos pelo menos quatro pessoas, porque o palco tem um desnível de quatro por cento, e, como tal, temos de ter pessoas a segurar na escada, por questões de segurança».

NUNCA TINHA ESTADO NO PALCO

Depois, seguiu para os bastidores. Sandra Assunção explicou-nos que toda a manutenção que está a ser feita era «com a prata da casa», em termos de recursos humanos. Foram feitas algumas remodelações, como a construção de um quarto e de banheiros para os funcionários, inexistentes até à data. «Os funcionários não tinham um sítio condigno para se trocarem. Criamos condições para eles trabalharem melhor». Para estas obras, o Departamento de Economia e Cultura contou com o apoio do engenheiro Duarte Jerónima, da Divisão de Edifícios, já que o espírito é o de encaixar a obra entre os departamentos como forma de reabilitar os recursos existentes.

Nesta zona situada num andar inferior ao do palco, conhecida como o sub-palco, é onde havia mais necessidade de obras. Ainda está para construir uma sala de reuniões para os funcionários. Sandra Assunção refere, a esse

respeito, que aquando a apresentação da nova orgânica do teatro, todos os funcionários subiram ao palco, onde decorreu a reunião. «Havia uma funcionária da limpeza que nunca tinha estado em cima do palco», acrescenta, referindo-se a uma senhora que trabalha no Teatro há 18 anos.

Na zona do sub-palco, que foi bastante afetada aquando o 20 de fevereiro, e que na altura foi alvo de uma intervenção de recuperação, continuam a haver pequenos trabalhos a melhorar, refere José Manuel Rodrigues. Tem de ser aos poucos, atendendo às limitações de pessoal e financeiras.

TEIA É FUNDAMENTAL

Nesta excursão pela vida por detrás do palco, subimos até à teia, onde a equipa liderada por Sandra Assunção está a analisar que aproveitamento poderá ser dado ao espaço. José Manuel Vasconcelos tem pena que esta área seja desconhecida da maior parte da população. O espaço é singular, redondo, com paredes em pedra e janelas altas, através das quais é possível ver várias panorâmicas do Panchal. «É uma das partes fundamentais para a realização de qualquer tipo de espetáculo que se realiza num teatro», já que é ali que funcionam as cordas que suportam os cenários e as varas de luz. Antigamente, era ali que se



A limpeza do teatro está a ser feita desde a teia até ao sub-palco.

Algumas das novidades

Agenda mensal, site e lugares para deficientes

O Teatro Municipal Baltazar Dias prepara algumas novidades para a nova temporada. No dia 18, será apresentada a nova imagem do teatro, inspirada na máscara que decora as esquinas dos camarotes. O novo site e a agenda mensal do Teatro serão outras apostas que visam atrair mais o público e aproximar a relação do espaço cultural da capital aos madeirenses.

Está também a ser preparado, para os produtores, um ríde, ou seja, um livro técnico com

as diversas características do teatro, como o número de projetores, as varas de luz, cadeiras, por exemplo. «A ideia é que um produtor nacional ou internacional que queira cá vir, já saiba, através desse ríde técnico, o que o teatro tem para poder montar o seu espetáculo».

Para além disso, das novidades que o Teatro Municipal terá na nova temporada, é de apontar o facto de terem sido criados quatro lugares para deficientes motores, devidamente sinaliza-

dos. Para além disso, as cadeiras estão a ser todas numeradas. De acordo com a chefe de Divisão de Turismo e Cultura, o objetivo com a numeração dos assentos é o de permitir aos produtores cobrar menos às pessoas que ficam na terceira fila dos camarotes. «Se os produtores assim o entenderem, poderão taxar o espetáculo consoante a visibilidade ou não do evento em causa», refere Sandra Assunção. JM



As cadeiras passarão a estar numeradas e a preços diferentes.



pintavam os cenários, muitos criados pela arte de Alfonso Costa, que depois desilam para o palco. Hoje, em dia, já não há a necessidade de usar a sala para esse fim, já que os produtores apostam noutra tipo de cenários, com móveis e decorações.

Aí, as funcionárias da limpeza iam dando os últimos retoques, já que na escadaria havia ainda muito por fazer. Descemos até a área já renovada dos camarins, em que os espaços foram aumentados, em alguns casos, pintados e redecorados, de modo a criar melhores condições para os artistas que sobem ao palco. Aqui, Sandra Assunção disse que o objetivo foi tornar os camarins mais acolhedores, "caseros" e, ao mesmo tempo, também numa ótica de responsabilização e de cuidar do espaço pelos seus utilizadores. Existem ainda outros camarins a necessitar de alguma intervenção, que será feita com o tempo. Uma área que será remodelada será a bilheteira e que, segundo Sandra Assunção, vai sur preender.

Nesta visita aos bastidores do teatro, e como não há espetáculo que não comece com "o abrir do pano", as senhoras da limpeza e os técnicos da iluminação partilhavam a responsabilidade de limpar as longas e pesadas cortinas do palco. Tudo para que, no próximo espetáculo, se faça silêncio, se tire o som dos telemóveis, porque o teatro vai começar. JM

Para o espólio do Teatro

Núcleo museológico está a ser pensado

O Teatro Municipal Baltazar Dias tem um espólio desconhecido da população em geral. Desde as roldanas cenográficas que se encontravam na tela e que moviam os cenários, até peças de vestuário, manequins e adereços do palco, são várias as histórias por desvendar sobre a principal sala de espetáculos do Funchal. «Temos a ideia, mas que não é para con-

cretizar já, de criar um núcleo museológico do Teatro Municipal Baltazar Dias. Pretendemos aproveitar e recuperar peças guardadas na tela do teatro, como manequins, cenários, adereços, por exemplo e expor», divulgou Sandra Assunção. Há peças com mais de 100 anos ainda guardadas, refere, lamentando que estejam escondidas da vista do público. JM

José Manuel Vasconcelos é o funcionário mais antigo do teatro

O homem da manutenção e o anfitrião da sala



José Manuel Vasconcelos é um faz tudo no teatro.

CULTURA
Paula Abreu
paula@revista-jm-madeira.pt

José Manuel Vasconcelos é o funcionário mais antigo do Teatro Municipal Baltazar Dias e, hoje em dia, quem vai assistir a uma peça, é recebido por este senhor, que se apresenta ao público com um fato escuro. Mas não imagina que o anfitrião da sala é também o responsável pela manutenção e segurança do Teatro Municipal do Funchal.

A trabalhar no Teatro há 38 anos, José Manuel já fez um pouco de tudo, desde a carpintaria à bilheteira. Conhece todos os cantos do edifício, tem até gatufo na sua cabeça e dos colegas nas paredes das salas de serviço, há vários anos, como parte da sua história e do teatro. A título de curiosidade, antes dele, muitos outros deixaram para a proselândia os seus nomes nas paredes onde apenas os funcionários têm acesso. Em 1912 a "Companhia de Opereta Leopoldo Proes", marcava a história do espaço emblemático do Funchal.

Quanto ao seu percurso no Baltazar Dias, José Manuel Vascon-

celos já desempenhou todas as funções possíveis naquele espaço, menos a de ator. «Entre aqui há 38 anos, como carpinteiro para a recuperação dos camarins», sorri. Ao longo dos anos, «já fiz praticamente um pouco de tudo nesta casa, menos ter sido ator, mas às tantas já representei muitos papéis cá dentro, como o de carpinteiro, electricista, iluminador de espetáculos - cheguei a ir ao Porto, a Lisboa, ao Porto Santo, como iluminador das peças do teatro -, depois houve uma altura em que diminuíram os espetáculos de palco e começaram mais os de cinema. Como eu gostava de cinema, fiz um estágio na área de projeção no antigo cinema João Jardim e depois, comecei a desempenhar a função de projetista do teatro, a partir de 1984». Admite que gostou muito desse período. Mais tarde na nossa conversa, levou-nos a conhecer a sala de projeção, que é continua a ser a "menina dos seus olhos". «Enquanto trabalhávamos com película, a minha máquina trabalhou, mas agora que praticamente não há película, sai dispendioso projetar um filme desta forma», comenta José Manuel, que guarda na cabine cartazes de filmes projetados para na tela do Teatro Municipal Baltazar Dias, como o inesquecível filme italiano "Ci-

nema Paradiso". Feliz com o seu trabalho, José Manuel Vasconcelos confessa que sempre gostou de trabalhar no Teatro. «Sempre tive receio que me mandassem embora, mas felizmente isso nunca aconteceu. Eu estou cá porque gosto desta casa».

Questionado sobre se prefere estar na porta a receber os espetadores ou estar nos bastidores, José Manuel não tem dúvidas: os bastidores. Gosta de receber as pessoas, mas, «isto cá atrás fascina-me. Trabalhar nos bastidores, pôr as coisas a andar é diferente...». Além, admite que só foi para a portaria por um acaso. «Fui para a portaria porque um colega faltou e achei por lá ficar». Reafirmando que prefere os bastidores, José Manuel Vasconcelos admite que o contacto com as pessoas, «ver sempre caras novas ou os que vão quase sempre, também o fascina. Contudo, também confessa, com alguma saudade, que o que gostava mais, mesmo, era a projeção de filmes. «Ainda sou responsável pela cabine de projeção. Sou o único projetista que trabalha com películas que a Cinema tem», sublinha. «Vamos lá a ver se algum dia alguém, como a Cinemateca Portuguesa, tenha a amabilidade de trazer cá ao Funchal um festival de películas antigas...» JM